

**Reflexões sobre a memória de Joaquim Pinto de Oliveira,
o Tebas (1733-1811)**

**Reflections on the memory of Joaquim Pinto de Oliveira,
o Tebas (1733-1811)**

*Luis Gustavo Reis*¹

¹ Email: crusta_reis@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre alguns aspectos da memória de Joaquim Pinto de Oliveira (1733-1811), popularmente conhecido como Tebas. Desde as primeiras décadas do século XX, cerca de 130 anos após seu sepultamento, Tebas tem despertado o interesse de diferentes estudiosos. Nos últimos três anos, especialmente, sua trajetória ganhou ainda mais força, quando o personagem passou a estampar manchetes de jornais, foi tema de livro, dissertação de mestrado, ganhou outorga de arquiteto, estátua na região central de São Paulo e pessoas interessadas em sua história.

Nascido de ventre escravizado, na cidade Santos, Tebas migrou para São Paulo em um período em que a cidade passava por mudanças administrativas, políticas, econômicas e arquitetônicas que impactaram decisivamente sua vida. Tebas dominava a técnica de construir edifícios aplicando pedras de cantaria, material que as igrejas em São Paulo começaram a usar em seus frontispícios a partir da segunda metade do século XVIII. Reconhecido por suas habilidades, o mestre de obras trabalhou na torre da antiga Catedral da Sé, reformou o Mosteiro de São Bento, a igreja da Ordem Terceira do Carmo e deixou marcas na paisagem urbana da cidade visíveis até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Joaquim Pinto de Oliveira (Tebas); São Paulo colonial; Escravidão; Trajetória de escravizados.

ABSTRACT

This article aims to reflect on some aspects of Joaquim Pinto de Oliveira's (1733-1811) memory, known as Tebas. Since the first decades of the 20th century, around 130 years after his burial, Tebas has aroused the interest of different scholars. In the last three years, especially, his trajectory gained even more strength, when the character started to appear in newspaper headlines, he was the theme of a book, a master's thesis, he won an architect's grant and a statue in the central region of São Paulo and people got to know him and to be interested in his story.

Born of enslaved womb, in the city of Santos, Tebas migrated to São Paulo at a time when the city was undergoing administrative, political, economic and architectural changes that decisively impacted his life. Tebas mastered the technique of constructing buildings by applying stonework, a material that churches in São Paulo began to use in their frontispieces from the second half of the 18th century onwards. Recognized for his skills, the foreman worked on the tower of the old Sé Cathedral, renovated the Monastery of São Bento, the church of the Third Order of Carmo and left marks on the city's urban landscape visible to the present days.

KEYWORDS: Joaquim Pinto de Oliveira (Tebas); Colonial São Paulo; Slavery; Trajectory of Enslaved.

A história de Joaquim Pinto de Oliveira, comumente conhecido como Tebas, voltou à tona em nosso atual tempo histórico. Desde meados de 2012, pelo menos, há esforços que buscam reconstruir aspectos da vida desse mestre de obras que viveu em São Paulo na segunda metade do século XVIII. Recentemente, especialmente nos últimos três anos, sua biografia ganhou lumes inéditos catalisados pela pressão de grupos organizados da sociedade civil. Na esteira dos movimentos antirracistas que sacudiram o Brasil e outras paragens mundo afora, que reivindicou o “protagonismo de negro” como uma de suas demandas, emergiram perspectivas, reflexões e entendimentos que trouxeram o personagem setecentista para o centro do debate contemporâneo.

Manchetes de diferentes jornais estamparam notícias sobre ele, que ganhou livro, outorga póstuma de arquiteto, estátua na região central de São Paulo, restauro de obras que empreendeu, pintura em museu e centenas de interessados em suas facetas. Mas, afinal, quem foi Tebas, alcunha de Joaquim Pinto de Oliveira? Por que sua história despertou o entusiasmo de tantos, incluindo a deste articulista, nessas primeiras décadas do século XXI?

As impressões digitais do artífice figuraram em diferentes monumentos arquitetônicos do burgo paulista no decorrer setecentista, sobretudo nas igrejas que contratavam seus serviços. Consoante as habilidades manuais e subjetivas, Tebas percebeu, orquestrou e ampliou espaços de autonomia na relação complexa tecida com seus senhores e demais habitantes da cidade. Nascido nos idos 1733, na atual cidade de Santos, filho de ventre escravizado, Joaquim Pinto de Oliveira viveu quase duas décadas na Baixada Santista até migrar para o Planalto acompanhando a família de Bento de Oliveira Lima, seu proprietário e pessoa com quem tocou ombro a ombro obras de relevo na São Paulo colonial.

A morte precoce de sua primeira esposa, Escolástica Maria da Conceição, representou um duro golpe emocional que submeteu o então escravizado para a inexorável melancolia. A prostração do luto, porém, foi dirimida pelos encantos da jovem

Natária de Souza, com quem decidiu casar e enfrentar a burocracia eclesiástica num processo de Dispensa Matrimonial que se arrastou por meses. No fim da empreitada, meados de 1762, favorável o veredito, sacramentaram o matrimônio conforme os desígnios do catolicismo. (ACMSP. *Dispensas matrimoniais e casamentos* (1762), p. 32)

Foi do ventre de Natária de Souza que nasceram “Natária (24), Escolástica (19), Gertrudes (19), Joaquina (15)” (APESP – *Maços de População*, 1796.), as filhas do casal, que compartilharam angústias, alegrias e vivências cotidianas na cidade colonial. A primogênita Natária, homônimo em homenagem a mãe, assim como Escolástica (tributo à falecida esposa de Tebas?), ampliaram a família com os cinco netos que deram aos pais. Tebas certamente desfrutou da presença e da efusividade das crianças, oxalá curiosos em ouvir as histórias do avô, velho e conhecido artífice da Paulicéia de antanho.

A conquista da liberdade em meados de 1777, ocorrida após a “morte súbita e repentina” de seu senhor, Bento de Oliveira Lima, abriu novas janelas por onde Tebas vislumbrou paisagens outrora borradas pela névoa do cativeiro. (ACMSP. *Livros de Óbitos da Sé* (1757-1777), p. 122.) A essa altura computava maduros 44 anos, que doravante desfrutaria sem as rédeas prescritas por aqueles que tinham legitimação jurídica e social sobre seu corpo. Agora que a âncora do cativeiro deixou de pesar em seus ombros, após ter comprado sua carta de alforria da viúva de Bento de Oliveira Lima, juntou pecúlio nas obras que arrematou, entre elas a construção dos frontispícios da Catedral da Sé e da Ordem Terceira do Carmo, e tornou-se ele mesmo um notório senhor de escravos. Seus cativos, “João Guanguela” e “João Congo”, dividiam os aposentos com ele do fogo 340, no “Pateo de S. Gonçalo, e traveças”. (APESP – *Maços de População*, 1802)

Os Joãos, Benguela e Congo, seguindo as pistas dos confusos registros dos “Papéis Avulsos da Câmara”, eram escravos de ganho e levavam o epíteto do proprietário. Um deles deveria ser parrudo, músculos rijos e corpulento a crer na estereotipada anotação relativa à “Feira feita para a ponte do Carmo aos 27 de Dez.bro de 1797”, em que o nome aparece grafado como “João Thebão”. (RAM, julho de 1935, p. 150) Os cativos

arremataram outras obras, como no conserto da “Rua de S. Antonio em 18 de 8bro. d 1807”, delegada ao “pedreiro João Thebas”. Nela, trabalhou “5 dias e meio a 320” réis e, ao final da labuta, recebeu 1\$769. Em 13 de janeiro de 1807, “João Tebas”, trabalhou dois dias por \$240 réis na feitura da “Calçada que desse para a Ponte de Lorena”. Foi servente durante “5 dias a 100 [réis]”, nos consertos da “Rua de Franco [Francisco] Alvez”, em 26 de abril de 1807, pelo qual embolsou \$500 réis. Voltou à mesma rua semanas depois, contratado como pedreiro, onde auferiu \$720 réis por 3 dias de jornais. Na “Rua das Flores”, no rigoroso inverno de junho, levou \$920 réis pelos serviços ofertados. (RAM, agosto de 1935, p. 62-77)

Foi justamente na companhia de João Benguela e João Congo, somado a mais de 20 trabalhadores, que Tebas edificou o primeiro sistema de abastecimento público de água de São Paulo: o Chafariz da Misericórdia. (TOLEDO, 1981, p. 146) O vistoso chafariz, localizado no Largo da Misericórdia, região central da cidade, recebeu o nome do seu principal construtor, e ficou conhecido pelos moradores como o “Chafariz do Tebas”. Apesar de previsíveis reparos posteriores, “o chafariz do Tebas honrou o lugar em que foi levantado, sendo olhado mais tarde como uma espécie de monumento da cidade”. (BRUNO, 1984, p. 286) Antes da morte arrancá-lo à existência, “Aos sete de Janeiro de mil oito Centos e Onze”, devido a “moléstia Gangrenna” (ACMSP – *Óbitos de Livres (1810-1820)*, p. 9), Tebas deixou outro registro na paisagem setecentista tangível a nós, moradores do século XXI: O Cruzeiro Franciscano de Itu, finalizado em 1795, que permanece em riste à lembrar os transeuntes das mãos que o ornamentou.

As passagens da vida de Tebas elencadas até aqui, pinçadas para destacar a potencialidade, ambivalência e ambiguidade do personagem, ajudam a elucidar o fascínio desencadeado por sua memória. Esses elementos atravessaram os séculos, dinamitaram as armadilhas da invisibilidade e do esquecimento, e implodiram as formulações de empenhados detratores que tentaram emparedá-lo no labirinto da “lenda”. Mas, sabemos, a memória é um espaço em disputa, ressignificado pelas conjunturas, contingências e

campos de força dos atores sociais do presente. Veremos adiante como Joaquim Pinto de Oliveira, o Tebas, demoliu as muralhas da “lenda”, mas pode ser arrastado a cruzar a porosa fronteira da mitificação. Lenda, define Houaiss, é “engodo, fraude, mentira”; mito, explica o lexicógrafo, é a “representação idealizada do estado da humanidade, no passado ou no futuro”. (HOUAISS, 2009) A memória de Tebas padece assombrada nesse pântano. Voltaremos ao tema.

Reconstruir a trajetória de escravizados é tarefa árdua. São personagens que, em sua maioria, deixaram poucos vestígios ou tiveram suas ações registradas pelo crivo de autoridades coloniais. Nesse sentido, como caracteriza o ofício do historiador, é imperativo interrogar a documentação e vislumbrar nas entrelinhas o que está oculto, farejar os indícios e interpretar os silêncios para ir compondo as peças do mosaico da vida de personagens fugidios que até recentemente estavam inscritos nas molduras da reificação. Nas palavras de Stuart Schwartz, recompor a biografia dos desafortunados é uma das maneiras de “reconhecer a individualidade e a historicidade dos escravos e de seus descendentes como pessoas e agentes históricos e, ao fazê-lo, superar sua redução a categorias sociológicas”. (SCHWARTZ, 2001, p. 54)

Tebas e tantos outros seres humanos que viveram os infortúnios da escravidão, sempre como sujeitos, jamais como “coisas”, nada devem aos que creditaram às suas vidas o estigma de vítima em tempo integral, reduzidos a “um permanente estado de anomia”, sem dispor de “autonomia econômica e política”, menos ainda de “um sistema de solidariedade grupal que comportassem a formação de anseios comuns na luta pela liberdade”. (BASTIDE; FERNANDES, 2008, p. 136) Numa sociedade de negociação e conflito permanente, havia espaços de barganha, submissão, rebeldia e arranjos de toda ordem, em suma, uma “jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita” as possibilidades de melhor viver de cada indivíduo. (GINZBURG, 2001, p. 27) A trajetória de Tebas é repleta dessas complexidades, ora submetido às agruras, ora barganhando

benefícios, ora submisso aos caprichos dos escravocratas, ora negociando com seus proprietários, ora ele mesmo submetendo outros ao cativo.

As vivências desse personagem estão inscritas no mural do agenciamento histórico, refutando categoricamente “às páginas dramáticas da história dos que não têm história possível”. Ao recusar subscrever tais capítulos, Tebas deixou em ruínas monumentos teóricos que caracterizavam a si e a seus congêneres como “testemunhas mudas de uma história para a qual não existem senão como uma espécie de instrumento passivo sobre o qual operam as forças transformadoras da história”. (CARDOSO, 1975, p. 112) Numa teia tecida na fluidez do cotidiano, intercorrente e difusa, a trajetória dos escravizados dificilmente pode ser compreendida sob o prisma da reificação simplificadora, maniqueísta e esquemática que esquadrinhou o mundo escravista no compasso binário vilões e vítimas. Este escriba refuta tais concepções e se propõe a ascender os refletores sobre o fundo do palco, para onde foram empurrados os escravizados. E lá, ao “reduzir a escala de observação” para “vasculhar as estratégias individuais ou comunitárias de ação”, encontrou um “protagonista anônimo da história”, que “sem qualquer celebridade na história geral”, teve seu direito à história restabelecido. (VAINFAS, 2002, p. 113-150) Este texto compõe esse esforço.

Ofício penoso esse de recompor traços da trajetória de atores sociais desprezados pela historiografia convencional. No caso de Tebas, especificamente, na medida em que eventos do século XVIII se tornavam lembranças distantes, ofuscava-se na memória sua presença na cidade colonial. Passados cerca de 120 anos de seu sepultamento, ocorrido em 1811, Tebas reaparece num Brasil republicano mergulhado no caldeirão efervescente das teorias racistas. Entre os anos 1920 e 1930, as questões sobre o negro ganharam relevo e acaloradas discussões sobre a política de branqueamento varreram o território nacional. Em São Paulo, a tese do branqueamento também reverberou entre os intelectuais das primeiras décadas novecentista. Entre os quais havia Nuto Sant’Anna, diretor da *Seção de Documentação Histórica do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo*,

colaborador assíduo do jornal *O Estado de S. Paulo* e fundador da *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. Tomado pelos valores eugenistas, Nuto deixou o seguinte relato sobre indígenas e negros:

“O índio, [...] era indolente, desconfiado, manhoso. O negro, [...] acorrentava-se ao dono, robusto, dócil e trabalhador. Isso, o macho. Quanto á femea, igual adaptação. Esta, ainda, carnuda e sensual, bem condizia com o tropicalismo ambiente e o temperamento lascivo do mestiço e do português. [...]. Pelo que se vê da inteligência e agudeza do mulato, a um tempo ativo e madraço, não têm diminuído mesmo, em nada, o nosso surto civilizatório, algumas gotas de sangue negro para aí tão ao vivo dinamizadas até nas veias azuis de não poucos dos nossos mais puros arianos...” (SANT’ANNA, 1944, p. 112-113)

Nuto Sant’Anna foi quem mais escreveu sobre Joaquim Pinto de Oliveira, o Tebas, ainda que em passagens curtas e artigos esparsos no jornal *O Estado de S. Paulo*. O historiador conheceu os feitos de Tebas por meio das breves remissões elencadas nos livros de José Jacinto Ribeiro, *Chronologia paulista ou relação histórica dos factos mais importantes ocorridos em S. Paulo, desde a chegada de Martim Affonso de Souza a S. Vicente até 1898*, publicado em 1901; de Antonio Egydio Martins, *São Paulo antigo (1554-1910)*, publicado em 1911; e de Affonso Antonio de Freitas, *Tradições e reminiscências paulistanas*, lançado em 1921. Com acesso franqueado a documentos pouco ou nunca compulsados sobre o período colonial paulista, Nuto valeu-se das informações desses autores para ampliar a pesquisa sobre a vida de Joaquim Pinto de Oliveira.

Um dos aspectos aventados por Nuto Sant’Anna é a origem do apelido do personagem, cuja grafia varia na documentação: “Tebaz”, “Thebas” ou “Tebas”, sendo essas duas últimas as formas mais correntes. Para o historiador paulista, a origem é incerta, e ele faz uma digressão até à Antiguidade tentando perscrutar a gênese da alcunha. Questiona se o epíteto “Thebas” proveria de Andaluzia, na Espanha, da “Grecia heroica dos deuses” ou do “misterioso Egito, ao tempo de Edipo”. Aventa com mais firmeza, porém, que talvez o apelido “proviesses mesmo do reino dos Pharaós”, o que “poderia ir bem á pele de um escravo”. O significado do epíteto, corrente na São Paulo do

início do século XX, certamente fazia alusão “á habilidade, á agudeza, á perspicácia do engenhoso thebano que decifrou o enigma da Esfinge”. A despeito da origem, nada disso tirava de Tebas, “nosso herói [...] as suas excelentes qualidades de homem dextro, que tudo fazia”. (SANT’ANNA, 1944, p. 46-47)

As inferências sobre o apelido não eram as únicas preocupações de Nuto Sant’Anna, que também indagava a própria condição jurídica do mestre-pedreiro: “mas Thebas seria escravo?”, questiona o historiador. Ele alegava que se “Thebaz fosse o nome todo desse pedreiro, que tanto se notabilizou, seria isso um elemento precioso para a sua identificação, pois que os escravos quase nunca tinham sobrenome”. Por isso, Nuto desconfia: “Ora, Thebas aparece nas *Atas* como sendo simplesmente Joaquim Pinto de Oliveira, nome que cheira a português, e que é realmente senhorial para ser o de um escravo”. Para não restar dúvidas, o autor sentencia: “Pelos modos, trata-se de gente branca. [...] Thebas é inquestionavelmente apenas uma alcunha, sendo ainda, para mim, em que pese o que disseram Jacinto Ribeiro, Antonio Egidio Martins e Afonso A. de Freitas, uma simples hipótese a escravidão do celebre arquiteto”. (SANT’ANNA, 1944, p. 86-87)

Essas ideias foram publicadas nos artigos escritos por Nuto no jornal *O Estado de S. Paulo*. As crônicas tinham penetração na sociedade e eram lidas por muitas pessoas. Numa terça-feira, em 16 de maio de 1939, o periódico publicou a resenha de um romance histórico escrito por Nuto na seção “Bibliographia”. Nela, o escriba informa que “Nuto Sant’Anna, colaborador desta folha, brinda-nos com um novo volume THEBAS, O ESCRAVO”. O livro, novela transcorrida na São Paulo de 1750, aborda “os costumes, os castigos infligidos aos escravos, as edificações, coisas da política e dos usos domesticos”. Para finalizar, o resenhista informa que o protagonista da história é “uma lenda paulistana do século XVIII”, ou seja, “Thebas, o preto escravo que, segundo historiadores chronistas, foi o architecto que construiu as torres das igrejas do Convento de Santa Thereza e da velha Sé”. (*Estado de S. Paulo*, 1939, p. 3)

A premissa de Nuto Sant'Anna foi escrever um romance épico, recheado de feitos fictícios e intangíveis para dissipar qualquer vestígio e dúvida sobre a existência de Joaquim Pinto de Oliveira. O autor estava seguro de que "Thebas, o escravo", não passava de uma "lenda paulistana do século XVIII" e decidiu propagar sua descoberta. Em texto escrito três anos antes da publicação da novela, quando já tinha inferido ser portuguesa a origem de Tebas, o historiador vaticinou:

"Afim, teria Thebas sido escravo? Teria edificado as torres da Catedral e de Santa Tereza? Teria sido um genio nas coisas rudimentares da arquitetura colonial? Sim. Que tenha sido tudo isso, pois é sempre mais agradável e carinhosa uma figura romantica criada ou exaltada pelas lendas populares, do que as que, em regra, aparecem, frias e estereis, através da realidade historica." (SANT'ANNA, 1935, p. 4)

A pecha de figura "lendária" perseguiu Tebas como uma sombra, a ponto do grande sambista dos anos 1970, Geraldo Filme, deveras preocupado com questões da população negra, compor um enredo para a Escola de Samba Paulistano da Glória inebriado dessa concepção. O enredo engrossava a pequena coleção de livros a ser produzida pela Escola, e Tebas perfilava entre os homenageados. Na capa do compêndio, em letras garrafais, a mácula: "PRAÇA DA SÉ: Sua **Lenda**, Seu Passado, Seu Presente. Exaltando **TEBAS**, o Escravo que se revelou o Primeiro Arquiteto Paulista". Na contracapa, o predicado jurídico: "TÉBAS, O **ESCRAVO**". Nos versos, o estigma encravado no imaginário: "Tébas **negro escravo** / Profissão alvenaria / Construiu a Velha Sé / Em troca pela Carta de Alforria / Trinta mil cruzados que lhe deu Padre Justino / Tornou seu sonho realidade / Daí surgiu a Velha Sé / Que hoje é o Marco Zero da cidade / Exalto no cantar de minha gente / A sua **lenda**, seu passado, seu presente". (FERREIRA, 2018, p. 17-18 - grifo nosso)

A despeito da compreensão de Filme, a contribuição do sambista para o resgate da memória do mestre-pedreiro é inquestionável. Não foi apenas Geraldo Filme que reproduziu as concepções de Nuto. Em outra chave, que colocava sob suspeição as obras empreendidas por Tebas, o jornalista Roberto Pompeu de Toledo escreveu: "Solitário

nome que se conservou na memória da cidade [...] foi o do escravo Joaquim Pinto de Oliveira, apelidado o Tebas. Seriam obras dele – seriam, porque a autoria das obras que lhe atribuem foi sempre discutível – as torres do convento de Santa Tereza e da Sé”. (TOLEDO, 2003, p. 236) Nenhum outro estudioso duvidou da participação do artífice na reforma da Catedral da Sé, pelo contrário, todos foram categóricos em validar a autoria da empreitada.

Outra passagem no livro de Pompeu de Toledo que carece de reflexão é origem da alcunha “Tebas”, que segundo o autor “alguns afirmam que o adjetivo ‘tebas’ não vem do Tebas – e sim do idioma quimbundo”. (TOLEDO, 2003, p. 236) Os “alguns”, pronome indefinido, assim permaneceu – oculto, encoberto, inominável pelo jornalista. Compulsamos diferentes dicionários do século XIX e começo do século XX, entre eles *Diccionario da Lingua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto, *Diccionario da lingua portugueza*, de Antonio de Moraes Silva e no *Vocabulario Portuguez & Latino*, de Rafael Bluteau. Além desses, consultamos obras em quimbundo, como o centenário *Dicionário kimbundu-português*, de Antônio de Assis Júnior, bem como compêndios disponíveis na internet, mas nenhum dos manuais se ocupou do termo. Entre os lexicógrafos contemporâneos há divergências razoáveis. O *Dicionário Houaiss* alega que “tebas” tem origem no quimbundo, ao passo que os demais, entre os quais *Caldas Aulete* e *Priberam* afirmam que a palavra vem do tupi “teba”, portanto, indígena. No começo do século passado, Affonso A. de Freitas afirmava que é “essencialmente paulistana a origem dessa expressão”. (FREITAS, 1955, p. 79)

Apesar da falta de consenso sobre a origem do apelido, atualmente ganhou força a inferência feita por Roberto Pompeu de Toledo sobre o termo originar do “quimbundo”. A matéria do jornal *Folha de S. Paulo* assegura: “Seu apelido, Tebas, dá o tom de sua importância: significa ‘alguém de grande habilidade’ em quimbundo, língua falada pelos negros bantos, trazidos da Angola, do Congo e de Moçambique”. (*Folha de S. Paulo*, 2020)

Atento a mudança dos ventos, num tempo em que a raça é elemento primordial, o jornal estampou a publicação com destaque e computou elogios dos leitores.

Aliados de determinados espaços de poder, privilégio e representatividade, parcelas da sociedade civil e dos movimentos negros impulsionaram reivindicações para acabar com o racismo e conquistar direitos, equidade e poder. Traduzidas como “empoderamento” no atual período histórico, as pressões englobam reparações causadas por impedimentos erigidos durante e após o fim do regime escravista. Num rastilho de pólvora, ainda que distante dos lugares sociais ocupados pela “branquitude”, as demandas se espalharam e ganharam ressonância na sociedade, verificáveis em políticas de ações afirmativas, obrigatoriedade de abordagens e conteúdos nos livros escolares, preferência em determinadas empresas, profusão de manuais de combate ao racismo (vide a lista de livros mais vendidos em 2020), valorização da imagem do negro por meio do repúdio a determinados termos considerados racistas e várias outras iniciativas.

Ao ter sua história resgatada nesse contexto, portanto, Tebas não estaria imune aos prognósticos sobre sua trajetória. Em evento realizado pelo Sindicato dos Arquitetos e Urbanistas no Estado de São Paulo (SASP), no verão de 2018, o personagem foi reconhecido oficialmente como arquiteto 200 anos depois de ser sepultado. Celebrado com seminários, palestras e até uma ostentosa placa, recebeu o “título de sócio honorário [...] por obras de extrema importância para a história da arquitetura e do urbanismo paulista”.²

² A placa, de onde foi extraído o trecho, está disponível nas dependências do SASP.



Figura 1 – Placa em homenagem a Joaquim Pinto de Oliveira, o Tebas, no SASP.
Fonte: Acervo: Sindicato dos Arquitetos no Estado de São Paulo, 2020.

Além da outorga de membro associado *post mortem*, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (CAU/SP) viabilizou, em parceria com o Instituto para o Desenho Avançado (IDEA), a publicação do livro *Tebas – Um Negro Arquiteto na São Paulo Escravocrata (abordagens)*, que reúne artigos escritos por diferentes autores. Composto de 127 páginas, o livro reproduz o texto pioneiro de Carlos Gutierrez Cerqueira (*Tebas - vida e atuação na São Paulo Colonial*) – escrito em 2011 – até então o trabalho mais bem documentado sobre a vida de Tebas. Excetuando o texto de Cerqueira e o capítulo 1 (*Tebas e o tempo*), compilação cronológica de citações ao Tebas e alguns eventos em tributo ao personagem, os demais artigos abordam o artífice timidamente, relacionando momentos da trajetória do homenageado aos grandes temas estudados por cada articulista.

Em uma das passagens do livro transparece cristalizada a teoria do “escravo-coisa”, ideia que esbarra na própria trajetória do laureado: “Tebas conquistou autonomia sobre o seu corpo e o seu destino, contrariando a lógica do regime escravista, baseada na

fragmentação e na dominação absoluta (corpo e mente) dos escravizados”. (FERREIRA, 2018, p. 7) Embora a trajetória de Tebas demonstre que a escravidão negra vicejava sob códigos complexos que nada devem ao conceito de “dominação absoluta” dos escravizados, isso não significa, pondera Mbembe, “que o *pathos* da vitimização foi transcendido”. (MBEMBE, 2001, p. 193) O vírus da coisificação dos escravizados ainda circula na corrente sanguínea de determinadas análises históricas.

Os tributos se estenderam à prefeitura de São Paulo, que decidiu patrocinar a construção de uma estátua de Joaquim Pinto de Oliveira na região central da cidade, entre duas igrejas onde Tebas trabalhou: a Igreja da Ordem Terceira do Carmo e a Catedral da Sé. Entregue em 20 de novembro de 2020, no elã fermentado pelo Dia da Consciência Negra, o monumento foi inaugurado com festejos e júbilos algumas semanas depois, durante a 6ª edição da Jornada do Patrimônio – evento que resgata memórias da capital paulista e que havia homenageado Tebas em 2019.

De acordo com uma plataforma digital que divulgou a notícia sobre a escultura: “A origem do arquiteto não é precisada pela falta de documentos, mas a técnica que Tebas empregava de talhar e aparelhar em pedra vinha do país do continente africano”. O referido país é o Congo, de onde o próprio escultor da imagem, o artista plástico, Lumumba Afroindígena, é originário: “Tebas e Lumumba têm outra coisa em comum: o Congo”. (DIAS²⁰²⁰) Em que pese a tentativa do *site* em valorizar as ligações entre o artista e seu objeto de construção, não há indicações de que a técnica de cantaria seria originária do Congo – algo que, tacitamente, acarretaria valoração simbólica de Tebas que reproduziu no Brasil técnicas oriundas do continente africano. Nas palavras de Achille Mbembe:

“temos visto surgir tendências intelectuais cujo objetivo tem sido conferir autoridade simbólica a certos elementos integrados ao imaginário coletivo africano [...]. Muito poucas são notáveis por sua riqueza e criatividade, e em menor número ainda, são aquelas tendências dotadas de uma força excepcional.” (MBEMBE, 2001, p. 173)

Os discursos atuais sobre Tebas parecem dialogar com essa tendência. No afã de resgatar vestígios do personagem que o conectem com uma “identidade cultural africana”, atropela-se a história:

“As autenticidades territorial e racial confundem-se, e a África se torna a terra da gente negra. [...] Assim, os corpos *espacial*, *racial* e *cívico* são um só, cada um deles sendo testemunha de uma origem comunal autóctone, a partir da qual todo aquele que nasceu nesta terra ou partilha da mesma cor e dos mesmos ancestrais é um irmão ou uma irmã. [...] Um dos resultados do comércio de escravos no Atlântico foi que hoje os negros vivem em locais os mais distantes. Como se pode inscrevê-los em uma nação definida racial e geograficamente, quando a geografia e a história os arrancaram do local de onde seus ancestrais vieram?” (MBEMB E, 2001, p. 185)

A decisão de encravar a estátua de um negro no coração da cidade é acúmulo de capital político para prefeitura, que farejou lograr apoio da comunidade negra vilipendiada por décadas pelos mesmos “gestores” que governam o Estado de São Paulo há décadas. A escultura de Tebas transcende o estatuto artístico para desenhar-se na geografia da cidade como símbolo político a refletir o espírito do tempo. Estátuas são cicatrizes da história, marcas inscritas pelo passado no corpo paisagístico da sociedade. Nas ruas, nas praças, nos parques ou nos museus, as estátuas alertam-nos sobre o passado – ou melhor, sobre incontáveis camadas de passados. Tebas está envolto nessas camadas, coberto pelo manto do *zeitgeist* que almeja inscrevê-lo no panteão da mitificação. Na crítica ao historicismo alemão, Walter Benjamin sinalizou que “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura”. Benjamin ainda alertou sobre a urgência de “escovar a história a contrapelo”, alertando sobre a importância da “eliminação do elemento épico” que contaminava a história. (BENJAMIN, 1994, p. 225) Tomamos emprestado essa premissa para raspar a camada espessa de verniz épico adicionada à história de Tebas na contemporaneidade.

A lenda se refere a algo que não existe – factóide urdido e desnudado à luz do sol. O mito, porém, é elemento que almeja eternidade, componente inscrito na perenidade do tempo. O que Joseph Campbell chama de arquétipo, ou seja, a eternização do mito/herói ao mesmo tempo é eternização e ubiquidade do mito que se alastra para todo tempo e para todo lugar: “O herói, por conseguinte, é o homem ou a mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais [...]. O herói morreu como homem moderno; mas, como **homem eterno** – aperfeiçoado, não específico e universal –, renasceu”. (CAMPBELL, 1997, p. 19) Na lápide que acompanha a estátua de Tebas, jaz o prognóstico de Campbell: “Joaquim Pinto de Oliveira, o Tebas (1721-1811). Homem negro, conquistou a alforria aos 57 anos de idade e renovou a arquitetura paulistana do século XVIII. Seu principal feito foi livrar-se das correntes e **alçar voo para eternidade**”.³

Na exposição *Enciclopédia Negra*, homônimo do livro escrito por Flávio dos Santos Gomes, Lilia M. Schwarcz e Jaime Lauriano, hospedada na Pinacoteca do Estado de São Paulo entre maio e novembro de 2021, perfilava um quadro retratando Tebas. Vestindo terno e gravata alinhavados, lábios, nariz e olhos esquadrinhados, cabelo e sobrancelhas devidamente aparados, a pintura elencava a mestiçagem como elemento central. A ode à mestiçagem, realçada pelas cores da imagem, acabou por europeizar Tebas, fenotipicamente com traços de pessoa branca. A acrílica sobre madeira, de autoria do artista mineiro Desali, involuntariamente, sancionou o veredito de Nuto Sant’Ana: Tebas “cheira a português”. Das profundezas do sepulcro, Nuto aplaude sorridente a corroboração iconográfica da tese racista que elaborou. O quadro, “Joaquim Pinto de Oliveira” (CasaVogue, 2021), involuntariamente, repito, ressuscitou o fantasma eugenista do começo do século XX que perseguiu Tebas implacavelmente.

Da lenda das primeiras décadas do século XX ao espectro mitificador do período atual, um fio condutor conecta os dois tempos: a raça. O personagem é usado como mote

³ Localizada na Praça Clóvis Beviláqua, no centro de São Paulo, a escultura foi desenvolvida pelo artista plástico Lumumba Afroindígena e pela arquiteta Francine Moura. O trecho citado foi extraído do monumento.

nos dois momentos históricos não pela sua agência (contraditória, complexa, difusa, ambígua, ambivalente...), mas pelo potencial político que a cor de sua pele emana. Se antes era negado por causa da raça, hoje é valorizado pela raça: a cor da pele soterrou o humano. Mia Couto, parafraseando Simone de Beauvoir, escreveu que “ninguém nasce desta ou daquela raça. Só depois nos tornamos pretos, brancos ou de outra qualquer raça”. (COUTO, 2014, p. 19) Em outra síntese, o poeta completou: “Ninguém é uma raça. As raças são fardas que vestimos [...] Mas eu aprendi, tarde demais, que essa farda se cola, às vezes, à alma dos homens”. (COUTO, 2016, p. 19) Tebas nasceu Joaquim, mas a ideologia lhe impingiu uma farda incrustada na geografia do corpo que lhe tornou negro antes de qualquer outro predicado.

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branco e negro em São Paulo**. 4. ed. rev. São Paulo: Global, 2008.
- BRUNO, Ernani da Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. 4. ed. São Paulo: Hucitec: Secretaria Municipal de Cultura, 1984. 3 v.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas - Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Autoritarismo e Democratização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- COUTO, Mia. **Vinte e Zinco**. Lisboa: Caminho, 2014.
- COUTO, Mia. **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DIAS, Guilherme Soares. **Exclusivo: Tebas, arquiteto negro do século 18, vai ganhar escultura na Sé, em SP.** Guia Negro, 21 out. 2020. Movimentos. Disponível em: <https://guianegro.com.br/exclusivo-tebas-arquiteto-negro-do-seculo-18-vai-ganhar-escultura-no-centro-de-sp/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

FERREIRA, Abilio (org.). **Tebas: um negro arquiteto na São Paulo Escravocrata (abordagens).** São Paulo: IDEA: CAU, 2018.

FREITAS, Affonso de. **Tradições e reminiscências paulistanas.** São Paulo: Martins, 1955.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MBEMBE, Achille. **As Formas Africanas de Auto-Inscrição.** Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, n. 1, 2001.

Mostra reúne 103 obras sobre personalidades negras invisibilizadas. CasaVogue, 1 maio 2021. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/LazerCultura/Arte/noticia/2021/05/mostra-reune-103-obras-sobre-personalidades-negras-invisibilizadas.html>. Acesso em: 16 dez. 2023.

O Estado de S. Paulo, 16 de maio de 1939.

REIS, Luis Gustavo. **A trajetória de Joaquim Pinto de Oliveira, o Tebas: trabalho, escravidão, autonomia e liberdade em São Paulo Colonial.** Guarulhos: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. Dissertação de Mestrado, 2021.

SANT'ANNA, Nuto. **São Paulo histórico (aspectos, lendas e costumes).** São Paulo: Departamento de Cultura, 1944, v. I e v. II.

SANT'ANNA, Nuto. **Thebas.** O Estado de S. Paulo, 25 de agosto de 1935.

SCHWARTZ, Stuart. **Escravos, roceiros e rebeldes.** Bauru: Edusc, 2001.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SP terá estátua de Tebas, o homem escravizado que comprou sua liberdade como arquiteto. Folha de S. Paulo, 26 out. 2020. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/10/sp-tera-estatua-de-tebas-o-homem-escravizado-que-comprou-sua-liberdade-como-arquiteto.shtml#:~:text=A%20obra%20ficar%C3%A1%20na%20pra%C3%A7a,antes%20da%20aboli%C3%A7%C3%A3o%20da%20escravatura>. Acesso em: 16 dez. 2023.

TOLEDO, Benedito Lima de. **O Real Corpo de Engenheiros na Capitania de São Paulo.** Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia, 1981.

TOLEDO, Roberto Pompeu. **A capital da solidão: uma história de São Paulo das origens a 1900.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história: os protagonistas anônimos da história.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FONTES

Arquivo da Cúria Municipal de São Paulo (ACMSP)

- **Dispensas matrimoniais e casamentos (1762).** Estante 4, gaveta 77, livro 568, p. 32.
- **Livro de Casamentos da Sé.** Cota: 01-03-16, p. 195v.
- **Óbitos de Livres (1810-1820),** livro n. 7, p. 9.

Arquivo Público do Estado de São Paulo (Apesp)

- **Maços de População, 1796.**
- **Maços de População, 1802.**

Revista do Arquivo Municipal de São Paulo (RAM)

- **n. XIV, julho de 1935,** p. 150.
- **n. XV, agosto de 1935,** p. 62-77.